

Boletim do GEPLÉ

Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecológica

Número 6, 2021

(ISSN 2763-7255)



UnB

Programa de Pós-Graduação em Linguística

Departamento de Linguística

Instituto de Letras

Universidade de Brasília

Campus Universitário Darcy Ribeiro

CEP 70910-900 Brasília, DF

Organizadores:

Hildo Honório do Couto
Anderson Nowogrodzki da Silva

SUMÁRIO

1. Introdução

2. Miniartigo

3. Minirresenhas

4. Teses latino-americanas em Ecolinguística

5. Publicações

5.1. Capítulo de livro

1. INTRODUÇÃO

Aqui está o número 6 de nosso *Boletim do GEPLÉ*. Ele começou bastante humilde, contendo praticamente apenas as atas dos encontros dos membros do GEPLÉ (Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Ecolinguística), como se vê nos números 1 e 2, com algumas poucas informações de cunho teórico. Foi no número 3 que começaram a aparecer matérias mais científicas, como o miniartigo “Mas ele não é corrupto”, de Ubirajara Moreira Fernandes, criticando a fala frequente entre os sequazes de Bolsonaro de que ele não é corrupto sempre que alguém lembra algum de seus desatinos e irresponsabilidades. Aliás, o autor ampliou e traduziu este artigo para o inglês, publicando-o em *ECO-REBEL* v. 6, n. 4, 2020, p. 73-77, com o título de “But he is not corrupt”: not being corrupt justifies any delinquency and crime”, disponível aqui:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/35675/28326>

O número 4, 2021, contém o miniartigo “Análise do Discurso Ecolinguística – ADE: conceituação e pequeno histórico”, de Hildo Couto, cujo título já diz a que veio. O número 5, 2021, conta com o miniartigo. “A pandemia covid-19 e os efeitos do discurso obscurantista instaurado nas redes sociais”, de Anderson Nowogrodzki da Silva, outrossim com título transparente. Ele contém ainda uma minirresenha do livro *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): Uma visão linguístico-ecolinguística* (Campinas: Pontes, 2021, 159p.), de Hildo Couto, feita por Márcio M. G. Silva. Além disso, todo número traz muitas informações sobre o movimento ecolinguístico brasileiro e mundial.

O presente número revela a nova tendência do boletim de enfatizar a divulgação de textos, ou minitextos de divulgação científica. Ele contém o miniartigo “O negacionismo visto pela linguística ecolinguística”, de Ubirajara Moreira Fernandes. O texto é interessante porque apresenta uma explicação para o fato de o negacionista negar fatos que a ciência, a história e o senso comum comprovam. Contém também duas minirresenhas de livros:

1) *Análise do Discurso Ecolinguística (ADE): teoria e prática* (Brasília: UnB/PPGL, 2021. ISBN:978-65-994624-0-5), por Kaline Ferreira Oliveira (UFG);

2) *Ekolinguistik*, de Yusradi Usman Al-Gayoni (Jakarta: Pang Linge, 2012, 65p.). O livro foi publicado na Indonésia, em indonésio, o que mostra quão disseminada já se encontra a ecolinguística. O livro está disponível em:

<http://forumekolinguistikindonesia.blogspot.com/> .

A seguir vêm três teses latino-americanas de doutorado, duas da Bolívia (Cochabamba: pela Universidad Mayor de San Simón com Université Catholique de Louvain) e uma do Chile (Iquique: pela Universidad de Valladolid, Espanha).

Por fim, temos a seção Publicações, mencionando um capítulo de livro de 2013 em que a autora Jéssica Bárbara tenta interpretar a questão da metáfora levando em conta a teoria de Lakoff & Johnson, a gramática gerativa, a sociolinguística, a linguística cognitiva e a linguística ecolinguística.

2. MINIARTIGO

O negacionismo visto pela linguística ecossistêmica

Ubirajara Moreira Fernandes

Especialista em literatura brasileira aposentado e ambientalista

Como se pode ver em Silva (2021, p. 28) o *Dictionnaire Larousse Online* informa que negacionismo é uma “doctrina niant la réalité du génocide des juifs par les nazis, notamment l’existence des chambres à gaz” (doutrina que nega a realidade do genocídio dos judeus pelos nazistas, sobretudo a existência das câmaras de gás). Na realidade, o conceito é muito mais abrangente, compreendendo todas as formas de negação, sem fundamentação aceitável, de fatos amplamente sabidos e provados pela ciência, pela história e pelo senso comum. O artigo “Historical Negationism” da *Wikipedia* em inglês afirma que negacionismo (ou *denialism*) é “falsificação ou distorção de dados históricos”. Acrescenta que entre os exemplos “notáveis de negacionismo incluem-se a negação do holocausto, do genocídio armênio, da causa perdida da Confederação, o mito da *Wehrmacht* limpa, o negacionismo dos crimes de guerra japoneses e os crimes soviéticos”. Diz ainda que “na literatura as consequências do negacionismo histórico têm sido representadas criativamente em algumas obras de ficção como *1984*, de George Orwell”, e que “nos tempos atuais o negacionismo pode se espalhar pelas novas mídias, como a internet”. Se em inglês o negacionismo recebe também o nome de *denialism* (*denial* ‘negação’, de *deny* ‘negar’), em português podemos dizer que poderia ser chamado também de **achismo**, pois, para os negacionistas o que vale é o que pensam e acham sobre tudo, caso do atual governante brasileiro e seus poucos e fanáticos seguidores.

Meu objetivo neste miniartigo é tentar mostrar como o negacionismo é visto pela linguística ecossistêmica, acrescentando que há outras formas de negacionismo além do negacionismo histórico, como dá a entender a concepção da *Wikipedia*. Há também o negacionismo que poderíamos chamar de sincrônico, como o negacionismo da ciência (criacionismo, terraplanismo, geocentrismo, conspiracionismo etc.). Vejamos o presumível diálogo entre um cientista e um negacionista apresentado por Couto (2021), a propósito da questão heliocentrismo (cientista) *versus* geocentrismo (negacionista).

-**Cientista:** *A terra gira em torno do sol.*

-**Negacionista:** *Não, é o sol que gira em torno da terra.*

-**Cientista:** *Por que você afirma isso?*

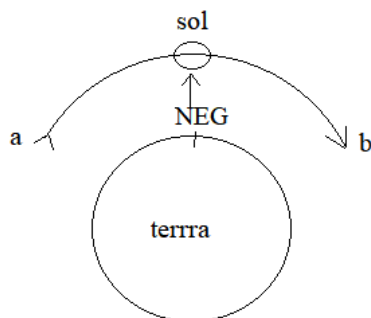
-**Negacionista:** *Porque é o que se pode ver e é o que eu vejo todos os dias.*

-**Cientista:** *Infelizmente, o que você vê não é o que você acha que vê.*

-**Negacionista:** *Por que não?*

-**Cientista:** *O que você percebe pelo sentido da visão é apenas uma minúscula parte do todo em que as relações entre a terra e o sol estão inseridas. Uma visão do todo, a partir de fora da terra e do sol, mostra a terra girando em torno do sol. Do contrário seria como você querer avaliar a posição de sua casa em relação ao bairro em que ela se encontra olhando a partir de dentro da própria casa.*

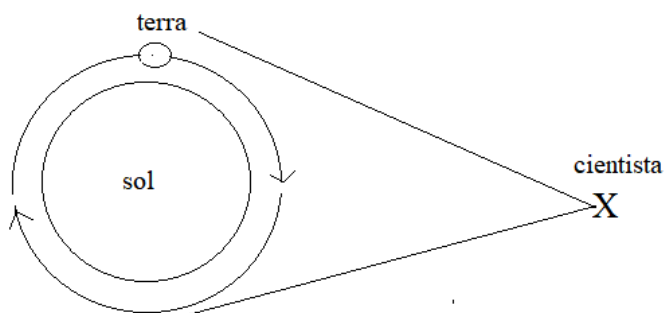
O negacionista tem essa opinião porque sua visão é bastante limitada, a ponto de alguém já ter dito que ela só vai até a ponta do nariz dele. A figura 1 mostra porque o negacionista da esfericidade da terra e de que ela gira em torno do sol acha (achismo) que é o sol que gira em torno da terra: é o que ele consegue ver a olho nu.



Visão que o negacionista (NEG) tem das relações entre a terra e o sol

Fig. 1

O negacionista “prova” para quem quiser ouvi-lo que é o sol que gira em torno da terra porque, como mostrado no diálogo, é o que se pode ver, basta olhar para o movimento do sol, do amanhecer até o anoitecer. Porém, na própria figura 1 pode-se ver que ele se engana por vários motivos. Primeiro, ele vê o sol como menor do que a terra, o que a figura seguinte mostra que não é verdade. Segundo, mesmo o pouco que ele vê vai apenas do ponto *a* ao ponto *b*, logo, nem chega à metade de todo o movimento aparente. Terceiro, ele só vê o movimento de rotação da terra, mesmo assim apenas parcialmente. O movimento de translação está além do seu ângulo de visão. Assim, passemos à visão do cientista, exemplificada na figura 2.



visão do cientista das relações entre sol e terra

Fig. 2

O cientista olha para a relação entre terra e sol a partir de um ponto (X), localizado fora de ambos. Embora na figura não se possa visualizar o movimento de rotação da terra sobre o próprio eixo, poderíamos buscar inúmeros exemplos desse movimento disponíveis inclusive na internet. Porém, pode-se ver claramente o movimento de translação dela em volta do sol, indicado pelas setas curvas em torno dele. Esta é a perspectiva do cientista. Ela nos mostra que o sol é imensamente maior do que a terra. Ela tem um diâmetro de 12.742km, ao passo que o diâmetro do sol é de 1.392.000km. Os tamanhos mostrados na figura 2 são apenas ilustrativos, não representam essas medidas com precisão matemática, nem as proporções.

A simples comparação das duas figuras já mostra quão limitada é a visão do negacionista do heliocentrismo, dos que defendem o terraplanismo, enfim, do negacionismo em geral. Argumento semelhante vale também para quem nega que os humanos chegaram à lua, que houve o holocausto dos judeus na Alemanha de Hitler, como ex-presidente do Irã Mahmud Ahmadinejad, e o genocídio de armênios na segunda guerra mundial. Nos dias atuais, no Brasil os achados da ciência contra a doença causada pelo coronavírus (covid-19) não são válidos para o negacionista aboletado na cadeira de presidência da república, que se começa a chamar de Capitão Cloroquino, e para seus sequazes. O que vale para eles em termos de tratamento são a hidroxicloroquina, a ivermecticina e quejandos, como o presidente apregoa alto e bom som para a turbamulta que se aglomera no cercadinho em frente ao Palácio da Alvorada para ouvir suas pataquadas e aplaudir, além de vaiar qualquer jornalista que ousar fazer alguma pergunta de que o negacionista-mor não goste.

A linguística ecossistêmica parte de uma perspectiva holística, que procura ver não apenas o objeto a ser estudado, mas também as interações que ele mantém com seu entorno. Procura não apenas pelo que é observável imediatamente pelos cinco sentidos, o visível, mas também o que está além do alcance deles, o que só é acessível mediadamente, com a ajuda da ciência. Além disso, ela adota os dois tipos básicos de interação ecológica: (a) as interações organismo-*habitat*, no caso, interações indivíduo-mundo, cujo resultado linguístico é a referência; (b) as interações organismo-organismo, ou seja, interações indivíduo-indivíduo, que, linguisticamente, são a interação comunicativa, a comunicação. A interação comunicativa é o que se tem chamado tradicionalmente de diálogo. Para que ele seja legítimo, para que as trocas de atos de interação comunicativa sejam eficazes, é necessário que haja cooperação, entre os interlocutores, ou seja, que haja harmonia e, linguístico-ecossistemicamente, que haja comunhão, que é uma predisposição para a interação comunicativa. Não havendo essa predisposição, não haverá diálogo propriamente dito, mas, talvez, algum tipo de antidiálogo.

É impossível haver um diálogo prototípico entre alguém que siga os ensinamentos da ciência e um negacionista. Como vimos, a tentativa de interação comunicativa entre o negacionista e o cientista, que segue os achados da ciência e o que está registrado pela história, não foi eficaz porque o cientista se refere a um fato e o negacionista se refere à negação desse fato. Se o seguidor da ciência diz que o objeto da conversa é x, o negacionista diz que é não-x. O seguidor da ciência diz que a terra é menor do que o sol e gira em torno dele, mas o negacionista diz que é tudo ao contrário. Não há diálogo, mas, um antidiálogo.

Algo parecido acontece com os que ocupam o poder no Brasil no momento (junho/2021). A ciência recomenda que se usem vacinas que passaram por todo o procedimento metodológico requerido pela ciência, por no mínimo três etapas. Não obstante, o mandachuva e seus adoradores acham que o que o gabinete paralelo instalado no Palácio do Planalto – que o jornalista Marco Antonio Villa chamou de Organização Criminosa (ORCRIM) – acha é que vale, e o que esse gabinete recomenda é a hidroxicloroquina, a ivermectina e outros, todos não recomendados pelas organizações de saúde. Mais, eles provocam aglomerações, todos sem máscara. Só a usam quando vão a um país em que as recomendações das autoridades de saúde são levadas a sério, como quando membros desse grupo foi passear em Israel capitaneados pelo chefe, às custas do contribuinte.

O negacionista não entra em comunhão (é contra) não apenas com seu interlocutor, mas também com toda sua comunidade de fala e comunidade de língua. Ele é contra pelo simples gosto de ser contra, ou por algum interesse escuso. Ele é contra tudo e contra todos. Conclusão: o negacionismo vai contra praticamente todos os princípios da linguística ecossistêmica, da análise do discurso ecossistêmica (ADE) e da ecologia profunda.

Referências

COUTO, Hildo Honório do. Negacionismo, criacionismo e outros disparates e irracionalidades do mesmo naipe, 2021. Disponível em:

<https://ilinguagem.blogspot.com/>

SILVA, Márcio M. G. Um estudo do discurso do ex-capitão Jair Messias Bolsonaro pela Análise do Discurso Ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, p. 18-34, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/36696/29025>

* * * * *

3. MINIRRESENHAS

1) **Elza K. N. N. do Couto; Eliane M. F. Fernandes.** *Análise do Discurso Ecológico (ADE): teoria e prática.* Brasília: UnB/PPGL, 2021. ISBN:978-65-994624-0-5. Disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/5---Elza.pdf>

Resenhado por Kaline Ferreira Oliveira (UFG/NELIM): kalineoliveira12@hotmail.com

O livro aqui resenhado constitui um material importante para o desenvolvimento teórico da Análise do Discurso Ecológico (ADE). Ele está dividido em duas partes. A primeira parte, intitulada *Análise do Discurso Ecológico: teoria*, contém cinco textos destinados a apresentar a teoria bem como algumas reformulações. A segunda parte, denominada *Análise do Discurso Ecológico: prática*, contém mais seis textos destinados à aplicação da teoria na análise de algumas materialidades.

O primeiro texto da primeira parte, *Ecologia e Ecosofia*, fala dos princípios da Ecologia utilizados pela Linguística Ecológica de que a ADE faz parte. Nesta perspectiva, a “ecologia” preocupa-se com entender como ocorrem as relações dos seres vivos com seu meio ambiente. Nessas interações se valoriza sempre o princípio do equilíbrio vital.

Além da Ecologia Biológica, se reconhece também a Ecologia Filosófica, ou Ecosofia, formulada por Arne Naess, com o nome de Ecologia Profunda. Esta postula que todo ser possui valor em si mesmo, independentemente de seu valor utilitário. Postula também a autorrealização de todos os seres, não apenas dos humanos (NAESS, 1989).

O segundo texto é *Linguística Ecológica (LE): breve apresentação*. Ele apresenta sucintamente alguns dos principais conceitos da LE, enfatizando que a Linguística Ecológica é o ramo Ecolinguística iniciado com Alwin. O conceito central da Ecologia é ecossistema, que se define pelas interações que ocorrem entre os organismos e o seu *habitat*. Por isso, a LE estuda as interações entre pessoas e as interações entre pessoas e seu mundo, sendo a primeira chamada **referência** e a segunda **interação comunicativa**. Na LE, isso se dá em três dimensões ou ecossistemas, que são o natural, o mental e o social.

A língua é definida como interação. Por isso, as interações comunicativas se constituem como núcleo da língua tanto para LE quanto para a ADE. As regras interacionais equivalem às regularidades, pois são princípios para a comunicação com processos de compartilhamento de sentidos, sendo particulares em cada ato de interação comunicativa.

O terceiro texto, *Análise do discurso ecológico (ADE)*, fala dos princípios da ADE. A princípio as autoras sinalizam a mudança na nomenclatura da teoria, bem como a influência que recebeu da Análise do Discurso Crítica de Fairclough. O nome ‘Análise do discurso Ecológico’ surgiu por sugestão do ecolinguista inglês Arran Stibbe.

A ADE discute os valores discursivos possíveis no meio ambiente em que os sujeitos interagem. Investiga as interações entre os indivíduos sociais, a língua e o contexto a partir dos ecossistemas natural, mental e social, pressupondo-se uma comunhão entre os participantes das interações comunicativas.

Com o objetivo primordial de investigar como se constroem as harmonias e desarmonias dentro dos ecossistemas, a ADE busca sempre o diálogo com outras teorias que auxiliem na compreensão deste equilíbrio numa visão ética dentro das interações comunicativas. Por isso a ADE é considerada uma teoria de entremeio, pois, deixa em aberto os diálogos possíveis, e se deixa influenciar por pensamentos como o taoísmo, o hinduísmo, o *yin-yang*.

Existem dois princípios básicos na ADE, a defesa da vida e a luta contra a violência e sofrimentos evitáveis, logo, a partir das análises com base nesta teoria, deve-se tentar propor medidas possíveis que auxiliem no equilíbrio e na harmonia. Por acreditar-se que a ideologia é inevitável, propõe-se a ideologia ecológica ou **ecoideologia**, em outros termos, ideologia da harmonia, do equilíbrio.

No quarto texto, *Categorias de Análise*, as autoras falam sobre o objetivo da ADE, que é a compreensão dos sentidos que funcionam em sociedade como elementos interconectados e integrantes de inter-relações. Tudo isso resume-se em empreender uma investigação que encara

os estudos linguísticos num viés ecológico, ou melhor, ecolinguístico, integrando as concepções de língua e linguagem, ecossistema natural, mental e social de modo holístico.

Por este princípio, os elementos de análise da ADE são buscados basicamente na Ecologia. São eles ecossistema, holismo, diversidade, interação, adaptação, evolução, harmonia, sustentabilidade, visão de longo prazo e ideologia de vida. No texto as autoras discutem esses conceitos minuciosamente.

No quinto texto, *Metodologia*, apresenta-se a metodologia basilar da ADE, a **ecometodologia**. Tal metodologia parte da **visão ecológica de mundo (VEM)** e faz uso do método da focalização (*focussing method*), proposto por Garner (2004). Esse princípio metodológico diz que em nosso processo de análise a visão abrangente, holística precisa ser complementada pela de uma outra que possibilite fazer um *close* do objeto a fim de examinar aspectos minúsculos, invisíveis da perspectiva holística. Isso não impede que mobilizemos outros métodos na análise, mas se constitui como elementar por permitir começar a análise em qualquer ponto de partida específico, embora sempre se volte à perspectiva holística, e vice-versa, quantas vezes forem necessárias.

A segunda parte deste livro objetiva mostrar como os elementos teóricos da ADE podem ser mobilizados para se analisarem fenômenos específicos. No primeiro texto, *A quebra da harmonia dos moradores de rua*, nos é apresentado o recorte de uma entrevista de pesquisa desenvolvida por Elza Kioko N. N. do Couto junto a uma menina de rua de 17 anos em São Paulo (MURATA, 2005). Apresenta-se a descrição do contexto em que ocorre a entrevista, bem como as observações feitas a partir das expressões e gestualidades observadas *in loco*. A partir deste recorte, as autoras procuram compreender os sentidos que são produzidos nesta situação comunicativa. A tensão e o olhar perdido são indícios interpretáveis na análise de uma comunicação face a face. Não é só a materialidade linguística que possibilita compreender os sentidos possíveis neste processo interativo.

A materialidade linguística também é observada. Na expressão verbal, há marcas discursivas que nos dão indícios da realidade vivenciada pela jovem, sejam elas eufóricas ou disfóricas. As falas da moça mostraram a ideia de união existente na comunidade de rua, como ao utilizar termos como “a gente”, mas também evidencia a desarmonia com a sociedade maior.

No segundo texto, *Um desenho e uma narrativa*, nos é apresentado uma materialidade discursiva distinta. Neste capítulo tem-se o registro escrito/desenho de um jovem de 15 anos que frequentava o Centro Comunitário da Criança e do Adolescente em 1997. Primeiro, analisa-se o desenho, a fim de compreender em que medida os arquétipos são funcionais para o exame das tensões de cada indivíduo e a maneira particular deste indivíduo solucionar tal tensão. Para tanto foi proposta uma produção com base no teste AT9 do psicólogo Yves Durand. Assim, se pedia um desenho que tivesse “*uma queda, uma espada, um refúgio, um monstro devorador, qualquer coisa cíclica (que gire, se reproduza ou progrida), um personagem, água, um animal (pássaro, peixe, réptil, mamífero), fogo*”. O desenho produzido é mostrado no texto; a partir dos elementos visuais, utilizando teorias que tentam compreender o imaginário em associação com a realidade social. O cuidado que o adolescente teve em colocar todos os elementos no desenho é considerado; a forma como tais elementos estão dispostos no desenho também. Indiretamente tudo indica uma falta, ou uma busca pessoal do menino.

No terceiro texto, é a narrativa *Um dia calmo*, solicitada a um menino, também em situação de rua, de 15 anos e que se apresenta como Rogério e possuía apenas o primeiro grau. Nessa análise elementos estruturais do texto são ponte para análise da realidade sócio-econômica e educacional do menino. A narrativa também engloba interpretações da vertente do ecossistema mental, na tentativa de compreender as inter-relações, nos sentidos possíveis a partir da mesma. Aspectos como a calma, a caverna descrita, o monstro/vilão. A ação do personagem frente a uma intempérie na narrativa possibilita compreender, ou supor, ligações com a vida e personalidade do menino que escreve.

No quarto texto, *A memória da carência em entrevistas com meninos de rua*, há trechos de entrevistas ou anotações feitas por Elza Kioko N. N. do Couto. Temas como família, polícia e afetividade são retratados e analisados com base na ADE. Trata-se de crianças em situação de rua que não tinham mais que 17 anos. Como as próprias autoras sinalizam, os anunciados estão carregados das dinâmicas discursivas que mostram os valores adquiridos, ou aprendidos em

ambiente familiar ou no ambiente das ruas. Nota-se uma carência afetiva, resultado da situação de descaso tanto familiar, quanto social, que afetam e formam a psique destes adolescentes. A relação entre casa e lar é observada, o seio familiar não pressupõe a segurança, o aconchego do lar tão almejado pelos jovens. A aproximação entre liberdade e drogas é enfatizada. A relação de associação e dissociação com a polícia também. Percebe-se que as visões variam, mas é quase consensual que a proteção que deveria vir da força policial não é o que de fato acontece. Percebe-se que os ecossistemas natural, mental e social estão totalmente em disjunção no caso dos meninos em situação de rua. O que essas crianças e adolescentes vivenciam afeta consideravelmente seu estado mental e eles se veem como estando à margem da sociedade, sem importância, literalmente excluídos da família e da sociedade. Diferentemente das outras análises, vemos aqui o caráter prescritivo da ADE: ao fim do texto as autoras apontam para uma forma exequível de tentar mudar esta realidade.

No quinto texto, *Uma vela para Dario*, temos a análise de um conto literário. Nele, observamos as inter-relações a partir da realidade pressuposta na narrativa. Trata-se de uma comunicação potencial, com um autor e um possível leitor. Neste caso, os sentidos serão observados nas interações suscitadas dentro do texto, a partir da história que nos é contada. Nesta perspectiva, sinaliza-se o personagem principal, que nem falante é, mas toda a narrativa se efetiva a partir de sua existência, e o ambiente. Há uma descrição do ambiente e dos acontecimentos que se sucedem. E a análise se efetiva a partir destes acontecimentos, conseguindo-se observarem aspectos sociais e mentais.

No sexto e último texto, *A tentação e o desejo em relação aos ecossistemas*, temos a análise de uma tira. Elementos visuais e linguísticos nos auxiliam no processo de compreensão dos sentidos pressupostos. A partir dos marcadores verbo-visuais presentes na tira, é possível fazer inferências histórico-sociais e mentais. Aqui temos a mudança de cenários, a evolução social mental com base em algumas perspectivas, mas enfatiza-se a manutenção dos desejos. A partir desta análise percebe-se como ocorre a quebra da harmonia social, mental e social, mesmo havendo uma história psicossocial extensa.

O livro em questão nos apresenta elementos teóricos da ADE de forma bem demarcada e com as devidas explicações. Mas isso não a torna simples. Trabalhar com questões mentais, sociais e linguísticas é exequível, fato que se faz necessário em nossa realidade atual, mas não é fácil. Seu caráter de entremeio é extremamente importante e necessário, pois nos auxilia consideravelmente na compreensão dos ecossistemas. Apesar de a Análise do discurso Ecológico ser uma proposta analítica e teórica consideravelmente nova, percebe-se que ela já tem pesquisas e elementos constitutivos bem sólidos.

Referências

- GARNER, Mark. *Language: an ecological view*. Londres: Continuum, 2004.
- MURATA (atual do Couto), Elza N. N. *Em busca da casa perdida: as vozes e imaginário de meninos de rua*. São Paulo: Annablume, 2005.
- NAESS, Arne. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

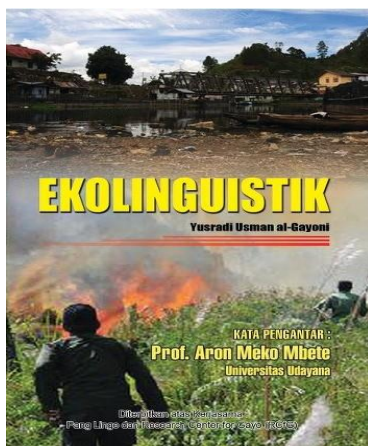
* * * * *

2) **Yusradi Usman Al-Gayoni**. *Ekolinguistik*. Jakarta: Pang Linge, 2012, 65p, com prefácio (*kata pengantar*) de Aron Meko Mbete. Publicado por cooperação entre a Editora Peng Linge e o Centro de Pesquisas Gayo. Disponível em: <http://forumekolinguistikindonesia.blogspot.com/>

Resenhado por Márcio M. G. Silva

Este pequeno livro de apenas 65 páginas foi publicado em 2012, portanto já tem 9 anos. Mesmo assim achamos válido trazê-lo ao conhecimento dos ecolinguitas brasileiros a fim de mostrar quão disseminada a ecolinguística já se encontra mundo afora. O autor, Yusradi Usman Al-Gayoni, é um jovem pesquisador que valoriza muito sua etnia, o povo gayo. Parece que seu

sobrenome (al-Gayoni) é derivado do nome dela. Eis a capa do livro em indonésio (*bahasa indonesia*):



Na apresentação do livro diz-se o seguinte:

Este livro é uma coleção de artigos publicados esparsamente. Ele examina a posição, o papel, a função e a influência recíproca entre ecologia e linguística. Esse tipo de estudo é denominado ecolinguística (*ecolinguistics*). Em outros contextos, ele é também chamado ecologia linguística (*linguistic ecology*), linguística ecológica (*ecological linguistics*) e ecologia da linguagem (*ecology of language/language ecology*). Mesmo já tendo 40 anos de existência, a ecolinguística ainda é nova na Indonésia. Ela só foi estudada seriamente a partir de 2007. Em particular, nos programas de estudo de linguística S-2 e S-3. As referências disponíveis ainda são muito poucas. Este livro tenta fornecer uma compreensão inicial da área e sugerir temas de pesquisa.

Em uma das seções do capítulo “Conhecendo a Ecolinguística”, por exemplo, encontra-se uma clara evidência de que as mudanças da linguagem são de cunho ecológico. Essas mudanças ecológicas influenciam os valores, a ideologia e a cultura como parte da identidade de uma sociedade (etnia/nação).

A linguagem influencia ainda os padrões de pensamento, atitudes e ações humanas. Isso pode ter implicações positivas para o ambiente físico, econômico e social, sobretudo em relação à existência e preservação de um equilíbrio ambiental para as próximas gerações. Pode também ter impacto negativo na ocorrência de mudanças, desequilíbrios e danos ao ecossistema. Em suma, a linguagem pode direcionar seus usuários tanto na direção construtiva quanto na direção destrutiva no que tange ao meio ambiente.

Espera-se que a publicação deste livro seja útil, especialmente para pesquisadores de linguagem, como os linguistas, ecolinguistas, jornalistas e outras especialidades. Cremos que ele seja útil também para disciplinas acadêmicas como a ecologia, a ciência da comunicação, a biologia, a antropologia, a sociologia, a arqueologia, a etnobotânica e outras, bem como para vários outros âmbitos da vida civil na Indonésia.

Na Indonésia há muitas outras pessoas interessadas na ecolinguística. Em números futuros do *Boletim do GEPL* poderemos voltar ao assunto.

* * * * *

4. TESES LATINO-AMERICANAS DE ECOLINGUISTICA

1. **Vicente Limachi Pérez.** 2021. *Incursiones de la lengua quechua em el ecosistema digital*. Tesis doctoral, Université Catholique de Louvain e UMSM.

Resumen. La investigación que presentamos estudia el uso de la lengua quechua en las redes sociales Facebook y WhatsApp por parte de jóvenes escolares bilingües, hablantes de las lenguas quechua y castellano, que cursan 3º, 4, 5º y 6º grados de nivel secundario en escuelas públicas de comunidades y centros poblados intermedios rurales de

Cochabamba, en Bolivia. Las condiciones de uso de las redes sociales digitales pueden efectivamente representar un nuevo escenario de riesgo para las lenguas minoritarias o un potencial revitalizador de las mismas. El estudio basa su perspectiva epistemológica en la complementación de las teorías socio-ecológica y ecolingüística en un contexto de una sociolingüística digital emergente en el ciberespacio.

Los principales hallazgos de la investigación muestran que el uso limitado de la lengua quechua en ambas redes sociales digitales está restringido a círculos íntimos, personas cercanas, temáticas limitadas y funciones específicas. Las principales razones para esta restricción son la estigmatización del entorno sociocultural hacia la lengua, las percepciones de los jóvenes respecto del uso y usabilidad de la misma, así como la dificultad de escribirla en los dispositivos electrónicos, en especial en el celular y las redes sociales digitales.

A pesar de las restricciones mencionadas, la lengua quechua se inscribe en el ciberespacio a través de estas redes sociales e internet en general, gracias a la voluntad y el compromiso de sus hablantes, quienes aprovechando de estos recursos digitales pueden expandir sistemáticamente los ámbitos de uso de esta lengua. Es decir, los jóvenes aprovechan las posibilidades que las redes sociales ofrecen para el uso de la lengua quechua u otra lengua y fortalecerla. Estas redes muestran una escritura intuitiva e incremental del quechua, que va desde palabras aisladas hasta textos completos y complejos en su extensión, reflejando así su ingreso a la literacidad digital.

El estudio da cuenta, también, de la presencia del translenguaje quechua – castellano como estrategia discursiva bilingüe que conlleva beneficios comunicacionales importantes para los jóvenes bilingües y para la vigencia de la lengua minorizada en el ecosistema digital.

* * * * *

2. Marina Arratia Jiménez. 2021. *Conocimiento etnoecológico codificado en la lengua quechua.*

Resumen: El objetivo de esta tesis es analizar la relación lenguaje y medio ambiente en el conocimiento etnoecológico sobre biodiversidad de papa que codifica la lengua quechua, en la comunidad Andina Chuñuchuñuni de la provincia Tapacari, Cochabamba, situada en la franja geográfica donde se encuentran localizados los principales centros de agrobiodiversidad de tubérculos andinos de Bolivia.

La base teórica es la lingüística ecosistémica (una rama de la ecolingüística) que estudia las relaciones entre lengua y su medio ambiente a través de la población. Específicamente la etnoecología lingüística que aborda el estudio del conocimiento ecológico cultural de un "lugar" a través de la lengua que tiene un rol en la significación, codificación, registro y circulación de dicho conocimiento. Otro referente teórico es la etnoecología, que estudia los sistemas de conocimiento, prácticas, y cosmovisiones de los diferentes grupos culturales sobre su ambiente natural.

La metodología adoptada es de tipo cualitativa con base etnográfica, consistió en una inmersión a la vida cotidiana de la comunidad y la recopilación de textos orales en lengua quechua sobre las cosmovisiones, los conocimientos y las prácticas presentes en la crianza de la biodiversidad de papa, adaptada a las características del ecosistema de puna, que constituye un soporte de la gestión comunal del territorio y la seguridad alimentaria de la población.

La constatación de esta tesis es que: el modelo cultural de naturaleza define las bases ontológicas del conocimiento ecológico codificado en la lengua. La cosmovisión y el conocimiento ecológico están implícitos en el sistema lingüístico. Los conceptos etnoecológicos codificados en la lengua quechua dan cuenta de la riqueza léxica y gramatical que expresan la concepción del entorno natural como un "mundo vivo", y los modos de interactuar con él. En tal sentido, la lengua quechua representa un soporte de la sostenibilidad ambiental local. Tesis doctoral, Université Catholique de Louvain e UMSM.

* * * * *

3. **Celia Rosa González Estay**. 2021. *Niños indígenas aymaras de la región de Tarapacá: estudio desde un enfoque ecolingüístico*. Tesis doctoral presentada por Celia Rosa González Estay para optar al Grado de Doctor por la Universidad de Valladolid (España). Como não há resumo, aqui vai a **Introducción**.

Introducción

¿Qué sabemos, salvo que existen condiciones desconocidas que nos fertilizan? ¿Dónde se aloja la verdad del hombre? La verdad no es lo que se demuestra. Si en esta tierra, y no en otra, los naranjos echan sólidas raíces y se cargan de frutos, esta tierra es la verdad de los naranjos. Si esta religión, si esta cultura, si esta escala de valores, si esta forma de actividad, y no otras, favorecen en el nombre de la plenitud, liberan en él al gran señor cuya existencia se desconocía, es porque esta escala de valores, esta cultura, esta forma de actividad son la verdad del hombre. ¿La lógica? Que se las apañe para rendir cuentas de la vida (Antoine de SAINT-EXUPÉRY, Tierra de hombres).

Hace dieciocho años, en la universidad Arturo Prat de la ciudad de Iquique nació un programa de formación de profesores de Educación Básica Intercultural Bilingüe (EIB), destinados exclusivamente a jóvenes indígenas aymaras de la Región de Tarapacá, norte de Chile. En ese trabajo se constataron confirmaciones relacionadas con la práctica de la lengua aymara entre los adultos aymaras en espacios altiplánicos intraétnicos, familias extensas que se constituyen en una red social de aprendizajes con herencias culturales y lingüísticas. Asimismo se evidenció la existencia, en espacios precordilleranos, de prácticas vivas en agricultura, ganadería y ritualidad, como también la concentración de familias aymaras en la zona de costa, cuyos hijos constituyen una cuota importante de la realidad escolar regional.

En ese ejercicio nacieron interrogantes respecto de la realidad lingüística y cultural observadas en las salidas regulares a terreno hacia las comunidades del territorio indígena y en las conductas de entrada que traía el joven aymara al ingresar al programa.

Llama la atención la invisibilidad de los niños aymaras en las diversas investigaciones a nivel historiográfico, cultural, antropológico y también lingüístico regional. En esa reciente región de Arica-Parinacota nos ha llevado la delantera. Asimismo, los nuevos contextos políticos, educativos y legislativos han reconocido una buena parte de la realidad indígena nacional que se ha concretado en una serie de actividades, estrategias, pero con ausencia de reportes regionales de los impactos que estos pudieran estar produciendo.

El norte chileno abarca geográficamente un extenso territorio, en el cual existe la más alta concentración de comunidades aymaras a nivel nacional, con un total de 49.089 habitantes que corresponde al 7,1% respecto de la población no indígena, y la segunda región a nivel nacional con el 84,4% a nivel indígena (INE 2002). Este grupo se

encuentra distribuido, en la región de Tarapacá en tres espacios que pueden ser denominados “pisos ecológicos”: zona alta o altiplano, zona precordillerana o valle y zona de costa (Murra 1972, Van Kessel 1980, Hidalgo 2004).

En nuestro caso, la muestra de la investigación seleccionó tres zonas geográficas o ecozonas con informantes niños aymaras de las escuelas más representativas de la región de Tarapacá, de los que se obtuvieron elementos territoriales, sociales y mentales distintivos. Al observar comportamientos lingüísticos, culturales y actitudinales distintivos en los niños indígenas de la región que no están registrados en investigaciones locales, surgen las preguntas que dan pie a nuestra investigación: ¿existe diagnóstico ecolingüístico de los niños aymaras de la región de Tarapacá? ¿cuál debiera ser esa situación ecolingüística? y ¿existen o no diferencias ecolingüísticas entre los niños de los diferentes pisos ecológicos (altiplano, precordillera y costa), de entre 8 y 16 años, de escuelas más representativas en cada una de esas ecozonas? Es relevante esclarecer si los niños aymaras que viven en diferentes espacios geográficos se comportan del mismo modo o si, siendo la herencia cultural indígena aymara, se pudieran establecer diferencias entre ellos.

Estas razones impulsaron emprender esta investigación, con la necesidad de obtener información que caracterizara la lengua y concepción de mundo que poseen los niños indígenas en una vinculación lengua-cosmovisión andina, junto con la inexistencia de estudios ecolingüísticos a nivel regional para comprender el ecosistema cultural, social y mental de los niños indígenas aymaras de la región, siendo una de las causas de la escasez investigativa en nuestra realidad regional, las diferentes realidades a las que se enfrentan los investigadores, especialmente los sociolingüistas los cuales debieran tener un profundo y amplio conocimiento regional, según opinión de Granda (1994), situación que sucede también con la lingüística, la etnografía o la psicolingüística, entre otros, y que entendemos pudiera ser producto de la existencia de un paradigma dominante que impone fórmulas de investigación que no son efectivas para otras realidades y visiones culturales distintas, cuestión que deberá revertirse ante la necesidad de paradigmas más innovadores y complementarios con los vigentes.

Es necesaria una “revinculación” entre las diferentes disciplinas de las ciencias naturales y sociales hacia un estudio más sistémico, investigaciones con perspectivas más integradoras. En esta línea, hemos optado por emprender nuestra investigación desde un enfoque ecolingüístico desde el cual se puede establecer un diagnóstico integral con la inclusión del contexto territorial, social y mental. En consecuencia, trabajaremos con una metodología de diseño no experimental, exploratorio, descriptivo y transeccional, basado, entre otros, en el ordenamiento metodológico de Hernández Fernández & Baptista (2010), y con una perspectiva multimetodológica.

Se trata de un trabajo de diseño no experimental en cuanto que, según proponen Hernández *et al* (2010:149), se trata de realizar la investigación sin manipular deliberadamente variables, para poder observar fenómenos tal como se dan en su contexto natural y posteriormente analizarlos, lo que es coherente con la ecometodología, esencialmente cualitativa, esto es, con la tentativa de diagnosticar un perfil ecolingüístico que nos provea de una visión y comprensión integral del fenómeno del lenguaje conectados a un ecosistema territorial, social y mental de la lengua (Couto 2018). A la vez, esta metodología de carácter descriptivo, detalla los elementos participantes en el diagnóstico a nivel de ecosistema territorial, ecosistema social y ecosistema mental que se vinculan a la visión de mundo aymara, y aparecen de una u otra manera en la caracterización del habla de los niños y niñas indígenas. Es transeccional como lo describe Hernández *et al* (2010:149), porque trata de evaluar una situación, comunidad, evento, fenómeno o contexto en un punto del tiempo, es decir, se

trata de un estudio que recolecta una serie de datos que se describen y analizan, ajustados a un momento y tiempo determinado desde donde podremos realizar algunas inferências desde una perspectiva ecolingüística; equivaldría a lo que se denomina un estudio em tiempo aparente (Moreno 1998).

Una parte de nuestro estudio coincide con la investigación de Virkel (2000), quien en *El español hablado en Chubut: Aportes para la definición de un perfil sociolingüístico* planteó un estudio sociolingüístico del territorio de Chubut, Patagonia, en la Argentina. La realidad de su objeto de estudio constituye una información relevante debido a las similitudes encontradas con nuestra problemática. Por un lado, se trata de hacer una aportación con un diagnóstico desde la lengua de la comunidad y, por otro lado, encontrarse con la disyuntiva de la existencia de factores como las particularidades del hábitat de las comunidades en estudio (geografía, etnicidad, ruralidad, red social) en el desarrollo de su investigación. En ese mismo sentido, nuestra investigación pretende, desde un enfoque ecolingüístico, realizar esa mirada integradora de los diversos factores que pudieran intervenir y moldear la caracterización de la lengua. Algunos de los elementos que compartimos con la zona descrita por Virkel (2004) en nuestro contexto de la región norteña de Chile que pretendemos estudiar están relacionados con los siguientes aspectos:

- a) La región de Tarapacá es un territorio extenso con más de 42.225,8 km², donde ha residido una población indígena aymara, en el área rural y urbana.
- b) Existe una población aymara vigente, según el Censo 2002, en localidades y pueblos, con estructuras sociales propias y adscripción étnica.
- c) Se distinguen ecozonas territoriales naturales con prácticas de subsistência propias, tales como agro-ganaderas importantes, que se vinculan con una práctica cultural, donde lo productivo se vincula a la ritualidad, lo ceremonial y las festividades.
- d) Se trata de un territorio con procesos migratorios históricos.

* * * * *

5. Publicações

5.1. Capítulo de livro

-Jéssica Bárbara T. Neves. Metáforas conceituais em teorias linguísticas. In: CARVALHO, Gisele; ROCHA, Décio; VASCONCELLOS, Zinda (orgs.). *Linguagem: Teoria, análise e aplicações (7)*. Programa de Pós-Graduação em Letras UERJ (UERJ), 2013, p. 238-244. Disponível em:

http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro07/LTAA7_livro_completo.pdf